

Apresentação – Literatura

Narrativa Literária no Século XXI: rupturas, tendências e impasses

Ilana Heineberg¹, Maria Tereza Amodeo²

¹ Université Bordeaux Montaigne, França.
E-mail: ilana.heineberg@u-bordeaux-montaigne.fr
² Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.
E-mail: mtamodeo@pucrs.br

A produção literária contemporânea tem se mostrado pródiga em narrativas que estabelecem as mais diferentes conexões com a realidade – o que não surpreende, tendo em vista as formas como os indivíduos se relacionam, produzem e vivem na contemporaneidade. Respeitando o seu próprio tempo, a literatura também tem percorrido caminhos inusitados, renovados e, por vezes, desconcertantes, no que se refere às formas como lida com o que se convencionou chamar de representação do real – conceito que passa a ser questionado, quando as rupturas e impasses ocupam lugar privilegiado. Vale lembrar que as estratégias para lidar com as fronteiras entre real e ficção também têm rendido estudos interessantes do “outro lado” das ciências humanas que alimentam a própria teoria literária. Ivan Jablonka no livro-manifesto *L'histoire est une littérature contemporaine* defende que pesquisadores (mas também jornalistas, testemunhas etc.) e escritores “do real” não trabalham em campos distintos, mas contribuem para uma melhor inteligibilidade do mundo atual.

Partindo da definição de contemporâneo do filósofo italiano Giorgio Agamben, Karl Erik Schøllhammer (2009, p. 10) afirma que “a literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por uma inadequação, uma estranheza histórica que a faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente que se afastam de sua lógica”. Afinal, para Agamben (2008, p. 9-11), ser contemporâneo não significa identificação ou sintonia com o presente, pelo contrário, é necessário certa dose de defasagem, de inadequação para poder captar o seu tempo.

Multiplicidade de temas e formas, fragmentação narrativa, aproximação de diferentes áreas do conhecimento, desconstrução dos preceitos da teoria da literatura, inserção dos *ex-cêntricos* (HUTCHEON, 1991), realismo de nova ordem são elementos presentes nas narrativas contemporâneas que merecem ser examinados. Do mesmo modo que os escritores contemporâneos tendem a uma “urgência” (RESENDE, 2006) em representar e intervir no presente, a crítica e a teoria

literária apressam-se também em descrever e analisar a produção literária atual. A proximidade temporal com este objeto exige, portanto, dos estudos literários a mesma visão descentrada ou anacrônica dos escritores contemporâneos. É preciso manipular com habilidade conceitos muitas vezes oriundos dos estudos culturais, como fronteira, hibridismo, gênero, descentramento, metaficção historiográfica, etc.

Este número da revista *Letrônica* – v. 10, n. 1, 2017 tem como proposta oferecer espaço para o estudo da narrativa literária produzida no século XXI. Os autores que participam desta edição examinam, principalmente, romances, mas também o conto, de escritores brasileiros – de diferentes regiões do país –, portugueses, além de um angolano, uma mexicana e outro sul-africano.

Em *Novela ou romance? A construção da narrativa contemporânea* **Opisanie Świata** na era da multiplicidade, Cloves da Silva Junior, define a obra da escritora gaúcha Veronica Stigger como um romance-novela, considerando postulados teóricos de ambos os gêneros e, dessa forma, assumindo o hibridismo da narrativa, que se instaura também pela inserção de outras modalidades textuais, tais como cartas, diários, anúncios publicitários, trechos de guia de viagens, etc., o que a situa no contemporâneo, conectando-a, pois, à era da multiplicidade.

Em *A figuração da violência na narrativa brasileira contemporânea: “Socorrinho”*, de Marcelino Freire, Fatima Aparecida Mantovani da Silva e Vanderleia da Silva Oliveira, por meio do estudo do foco narrativo e do tempo, abordam a temática da violência no conto do escritor pernambucano, que compõe a obra *Angu de sangue*, percebendo, em particular, forma e conteúdo como elementos indissociáveis, comprovando o engajamento do autor a temas da realidade, sem abdicar do cuidado estético da palavra.

Em *A contemporaneidade em Budapeste*, Natalia Aparecida Bisio de Araujo analisa como o romance de Chico Buarque promove, ao mesmo tempo, provocação e questionamento acerca da condição da literatura atual, configurando-se como obra compromissada com a inovação das formas de expressão e das técnicas da escrita, que envolve de maneira original o leitor, inserindo-se, portanto, no mercado livreiro com fluidez.

Em *Cunhataí: um romance da Guerra do Paraguai*, de Maria Filomena Bouissou Lepeck, Marinalva da Silva Pedro de Almeida e Paulo Bungart Neto refletem sobre a forma como a escritora mato-grossense inter-relaciona o discurso ficcional, o memorialístico e o histórico, num romance que associa textos e documentos, incluindo personagens históricos e puramente ficcionais, elementos que garantem a multiplicidade de significados da obra.

Em *A tragédia em A maçã envenenada*, de Michel Laub, Anna Carolina Botelho Takeda associa as ações narrativas do romance do escritor gaúcho, que incluem eventos de morte determinantes do aniquilamento do protagonista, às concepções de tragédia moderna desenvolvidas por Raymond Williams.

Em *Livros e vidas: atravessando fronteiras em Livro*, de José Luís Peixoto, e *Biografia involuntária dos amantes*, de João Tordo, Sílvia Amorim reflete sobre as fronteiras do romance em dois exemplos de autores portugueses contemporâneos, os quais são representativos das mais recentes tendências da escrita romanesca, o que indica a óbvia expansão dos limites do gênero para territórios cada vez mais alargados, incluindo o próprio leitor, que desempenha um papel cada vez mais ativo nesse contexto.

Em *O reino de Gonçalo M. Tavares como uma representação da sociedade contemporânea*, Sandra Beatriz Salenave de Brito focaliza a tetralogia do escritor angolano/português, salientando a forma como propõe a reflexão sobre a realidade que dialoga com a filosofia, a psicologia, a sociologia e tantas outras áreas do conhecimento, no que se refere à natureza e ao comportamento humano.

Em *Malinche e a narrativa histórica feminina no século XXI*, Fernanda Aparecida Ribeiro analisa a forma literária engendrada pela mexicana Laura Esquivel acerca da figura histórica Malinche, indígena que acompanhou o conquistador espanhol Hernán Cortés na Conquista do México, sobre a qual existem versões legitimadas pela ideologia patriarcal. O artigo aborda o cruzamento dos discursos literário e histórico, sendo este último visto de forma “transgressora”, já que se relaciona com a escrita feminina.

Em *Rape in J. M. Coetzee’s fiction: Disgrace, diary of a bad year and Elizabeth Costello*, Mariana Chaves Petersen discorre sobre a representação do estupro, tema recorrente nas obras do escritor sul-africano, que ousa explorar literariamente as áreas mais sombrias da experiência humana, que envolve as diferentes visões deste tipo de violência.

Ao final desta edição temática, inclui-se a entrevista do diretor de teatro Daniel Fraga de Castro, concedida ao professor Pedro Theobald, tratando, em especial, da encenação de *Como Gostais*, de William Shakespeare, encenada em 2016 dentro da PUCRS.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Qu’est-ce que le contemporain?* Paris: Payot/Rivages, 2008.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- JABLONKA, Ivan. *L’Histoire est une littérature contemporaine. Manifeste pour les Sciences sociales*. Paris: Seuil, 2014.
- RESENDE, Beatriz. Questões da ficção brasileira do século XXI, *Grumo*, v. 6, n. 2, dez, 2007.
- SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.